

A criança
Deficiente da Audição
na Escola Primária.

GUANABARA. Secretaria de Educação e Cultura. Depar-
tamento de Educação Primária, Seção de Consi-
mo Especial. Setor de Deficientes da Audição.//
A criança deficiente da audição na escola
primária.// Rio de Janeiro, 1967.// 4f.// mi-
mesq. (Publicação 4/67)

CH

me

I. NORDNHA, Maria Helena Marinho de

~~05353~~

~~SECRETARIA DO TRIBUNAL ELECTORAL~~

~~TRIBUNAL / ELECTORAL DO VOTO~~

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA FUNDAMENTAL

SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO E CONTRÓLE DO ENSINO PRIMÁRIO OFICIAL

SEÇÃO DE ENSINO ESPECIAL

SETOR DE DEFICIENTES DA AUDIÇÃO

Publicação 4/67

Trabalho da : Prof. MARIA HELENA MARINHO DE NORONHA
Coordenadora do Setor de Deficientes da
Audição

INTEGRAÇÃO DA CRIANÇA DEFICIENTE DA AUDIÇÃO NA SOCIEDADE DE OUVINTES

Com o propósito de se integrar a criança surda no mundo das pessoas que ouvem e que falam normalmente é que lhe oferecemos a oportunidade de frequentar uma escola comum, em uma Classe Especial, regida por uma professora Especializada.

Esta integração deverá iniciar-se, o mais cedo possível, antes mesmo desta etapa da educação. Primeiro, dentro da própria família, a seguir no Jardim de Infância, Escola Primária e mais tarde no trabalho e na comunidade.

Estamos seguras de que tal integração é perfeitamente possível, e também absolutamente indispensável. Se ela não acontecer, estaremos condenando as crianças surdas a um isolamento social, com graves frustrações emocionais; estaremos tirando das mesmas, as possibilidades de adquirirem cultura, tornando-as assim, elementos inferiores dentro da sociedade.

Nossa experiência tem mostrado, não só os ótimos resultados dessa integração, como também que ela não depende da perda auditiva da criança. Ela é possível até nas crianças com perda auditiva muito grave, as profundamente surdas. Seu sucesso reside na precoce e permanente comunicação entre elas e as pessoas ouvintes que as rodeiam, tanto crianças como adultos.

Diríamos, então, que o trabalho da professora especializada, na escola comum, tornar-se-ia bem menos penoso se essas crianças fossem adestradas, desde a mais tenra idade, em clínicas de orientação audiológica ou centros especiais, por uma equipe de profissionais devidamente preparada, como vem acontecendo na Inglaterra, Estados Unidos, Israel, Holanda e agora em vários países da América Latina. Na Guanabara foi criado, no Instituto de Educação do Excepcional, o primeiro centro desse gênero.

Um ponto importantíssimo, porém, não poderemos deixar de mencionar o intercâmbio de experiências entre pais e mestres, que só trará benefícios para eles mesmos e para seus filhos.

As crianças surdas poderão tornar-se elementos produtivos dentro da sociedade, pois a maioria delas possui capacidade normal, tanto do ponto de vista conceptual como intelectual, porém a ignorância ou indiferença do público para com suas potencialidades humanas as transforma em marginais da sociedade. Daí a importância de se dar a esse público um melhor conhecimento, tanto a respeito da surdez, co-

mo das possibilidades de um surdo integrado .

Só tendo as mesmas oportunidades das **crianças** ouvintes , isto é , experiências sociais , vocacionais e culturais proporcionadas pela escola comum , é que a criança surda poderá receber constantes estímulos verbais que a levarão ao indispensável esforço , para a compreensão dos seus significados . Terá assim um padrão de vida muito mais aproximado dos que ouvem e falam .

Essas oportunidades são oferecidas , na escola , através de atividades de recreação , festas escolares , biblioteca , merenda , sessões cinematográficas , excursões etc onde o contacto com as crianças ouvintes é facilitado pelo interêsse comum , que estas atividades oferecem .

Deverá participar de "trabalho de grupo" , onde poderá desenvolver : sua capacidade de liderança , hábitos de ordem , socialização , habilidade de comunicação oral etc .

Sempre que uma criança é enviada a uma Classe Especial a professora especializada deverá receber informações sôbre o resultado dos exames audiométrico , audiológico , neurológico , psicológico e clínico e ainda orientação pedagógica para atendimento do caso .

A frequência dela ao Jardim de Infância é importante , pois as crianças ouvintes nessa faixa de idade usam orações simples e curtas , pensam de maneira simples e concreta e ainda estão num nível intelectual semelhante . Assim , serão facilitadas a compreensão e comunicação mútuas .

No Jardim de Infância , na escola primária ou mesmo na família , a criança surda não deverá ter privilégios especiais ou ser protegida ; só assim , poder-se-á adaptar normalmente ao ambiente , sem que se sinta diferente das demais .

Quando a criança surda apresenta problemas graves de conduta , retardo mental , séria deficiência visual ou outra deficiência / grave qualquer que dificulte o seu ajustamento à escola comum , será necessário colocá-la numa escola especial , onde poderá receber atendimento mais adequado às suas dificuldades .

Em tudo o que foi dito , o importante é desenvolver a socialidade entre as crianças surdas e ouvintes , juntas na escola comum. Neste ponto , são oportunas as palavras de Claparède : "Quando se trata do desenvolvimento dos sentimentos sociais , a necessidade de fazer da educação uma vida é maior do que quando se trata do cultivo das funções intelectuais, porque , precisamente aqui , a regra não deve aparecer como coisa estranha à vida da criança , como uma inimiga que venha

GUANABARA. Secretaria de Educação e Cultura. Departa-
mento de Educação Primária, Seção de Ensino Es-
pecial. Setor de Deficientes da Audição. // Noção
de psicologia da linguagem. // Rio de Janeiro
[s. d.] // 4 f. // mimeogr

GERENCIAMENTO DE DOCUMENTOS

ca

me

I. CARNEIRO, Felipe

~~COORDENADOR / COORDENADOR~~

~~11-20~~

GUANABARA. Secretaria de Educação e Cultura. Departamen-
to de Educação Primária. Seção de Ensino Especial.
Setor de Deficientes da Audição. // Natureza da
linguagem. // Rio de Janeiro [s.d.] // 2f. // mi-
mesq.

CH

mi

I. CARNEIRO, Felipe

~~SECRET / CONFIDENTIAL~~

~~SECRET~~

CLASSIFIED BY: [illegible] DATE: [illegible]

opor-se a seus desejos egoístas e corra o risco de fazer dela uma eterna rebelde . Para evitar êsse perigo é preciso socializar a vida escolar , de modo a despertar na criança a necessidade da cooperação da solidariedade".

Para que haja uma **integração** perfeita , é necessário dar-se à criança surda tôdas as oportunidades para que use a linguagem oral e adquira as experiências e conhecimentos que lhe permitam o uso completo de suas faculdades .

Com as providências abaixo relacionadas , adaptadas , naturalmente , às condições de vida da criança , acreditamos que não surgirão problemas quanto a sua integração :

- atendimento especializado na classe especial e participação em comum nas outras atividades escolares ;
- orientação aos pais ;
- fixação de períodos para avaliação de progressos da criança na escola ;
- ambiente social favorável à compreensão dos problemas da criança surda .

Concluindo-se

O surdo terá um melhor rendimento no convívio escolar comum, devido ao estímulo permanente que recebe das demais crianças que ouvem e falam .

- . Integrar-se-á à sociedade de ouvintes , se a ela chegarem os recursos de que necessita para tal .
- . Sua educação deve iniciar-se o mais cedo possível .
- . Na socialização de uma criança surda , o professor desempenha papel ativo e positivo . Para isso precisará de perseverança , paciência , dedicação e muita compreensão .
- . A escola e as crianças ouvintes completarão êsse trabalho.

SETOR DE DEFICIENTES DA AUDIÇÃO

Pais |

Se juntarmos nossos esforços, venceremos.

ESCOLA e FAMÍLIA ,reunidas , trabalham pa-
ra a perfeita integração do deficiente da
audição, na sociedade, tornando-o um ser útil
e feliz.

REUNIÃO DE PAIS

26 de maio de 1967

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA FUNDAMENTAL

SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO E CONTRÔLE DO ENSINO PRIMÁRIO OFICIAL

SEÇÃO DE ENSINO ESPECIAL

SETOR DE DEFICIENTES DA AUDIÇÃO

PUBLICAÇÃO 3/67

Organização : Maria Helena Marinho de Noronha

Coordenadora do Setor de Deficientes da Audição

Seu filho é uma criança igual a todas as outras. Alguns pais imaginam que seus filhos surdos são mais tristes que os ouvintes e, muito frequentemente, têm pena de seu estado. Isto é falso. A criança surda não tem porque ser mais triste, sobretudo se seus pais se preocupam em proporcionar-lhe um mundo de idéias e de generalizações, por meio das imagens, jogos e exercícios.

Ela tem, certamente, uma desvantagem, porém há muita diferença entre a frustração de uma pessoa que perde a audição, pouco a pouco, e o estado de espírito de uma criança que ignora o que lhe falta. Ela não tem mais razões para ser triste que a criança ouvinte. Só a ansiedade, a tristeza e o desalento de sua mãe, é que poderão inquietá-la. Serenidade, confiança e otimismo serão necessários para que seu filho possa ter um desenvolvimento normal e seja também como você: sereno, confiante e otimista. Por todos estes motivos deve o seu filho surdo receber o mesmo tratamento que as crianças de sua idade que ouvem e falam normalmente.

Por que, então, ele está frequentando uma Classe Especial e tem uma Professora Especializada?

Sua deficiência exige, inicialmente, uma atuação direta do professor.

Ele precisa aprender a falar e a compreender a fala das outras pessoas. Devera ter uma educação auditiva sistemática, isto é, deverá receber um treinamento constante dos restos de audição que ainda possui. Terá que fazer, diariamente, exercícios respiratórios e de todos os órgãos que entram na formação das palavras.

Sabemos que sua inteligência se desenvolve normalmente, porém pela falta da audição, ele não aprende a organizar seu pensamento. Só a professora especializada poderá dar-lhe esta noção, assim como muitas outras, que não seriam possíveis, numa classe comum com 40 alunos.

De você também depende em grande parte, os bons resultados da educação de seu filho. O trabalho do professor ocupa 4 horas do dia. As vinte restantes ele está em sua companhia, sob os seus cuidados. Todo o trabalho do professor estará perdido se não houver uma perfeita cooperação por parte dos pais. Converse sempre com a professora. Veja como você poderá ajudá-la. Frequente as reuniões de pais da escola. Falar e exigir sempre que os outros da família falem com ele. Deverá habituá-lo a fazer a leitura labial e a ter vontade de falar.

Que se pode esperar de uma criança deficiente da audição, se a ela chegaram desde cedo os recursos de uma educação especializada?

Na Escola

Que tenha rendimento igual à maioria das crianças da sua idade.

Que desenvolva as mesmas atividades de seus coleguinhos ouvintes: no recreio, na merenda, nas atividades criadoras, nos trabalhos manuais, nas festas escolares, nos jogos etc.

Que participe de conversas, debates, dramatizações etc...

Que dê recados, que conheça Diretora, Professôras, e colegas de outras turmas.

Que se sinta feliz, e seguro junto de seus colegas ouvintes.

No Lar

Que ajude em tôdas as atividades domésticas :

- arrumar uma gaveta
- varrer a casa ou o quintal
- lavar a louça ou roupa
- cuidar dos animais ou plantas
- encerar ou lavar a casa
- fazer bolos ou preparar outros pratos simples

Que execute trabalhos manuais :

- colar objetos rasgados ou quebrados
- pregar botões , arrematar costura etc .
- fazer tricot , crochê , tecelagem
- consertar pequenos moveis , como cadeira , banco etc .
- botar e tirar a mesa para as refeições
- trocar fechaduras quebradas , aparafusar etc .

Que tenha atitudes sociais :

- receber visitas ou qualquer outra pessoa
- (vendedor , correio , cobrador etc .)
- fazer compras nas lojas próximas à residência

- servir visitas ou pessoas da casa (cafèzinho , copo d'agua, laranjada etc .)

Que cumpra todos os deveres :

- como filho
- como irmão
- como aluno
- como colega
- como amigo
- como membro da sociedade


Que saiba cuidar de si mesmo :

- vestir e despir-se
- guardar sua roupa
- tirar e colocar os sapatos
- dar laços
- usar o lenço
- limpar e engraxar os sapatos
- comer sozinho
- usar talheres e copo
- usar o guardanapo
- lavar as mãos antes e depois das refeições
- afastar e puxar a cadeira junto da mesa
- permanecer sentada até completar a refeição
- descansar
- ter horário certo para dormir
- ter hábitos higiênicos
- saber evitar perigos (tomadas , fogão , ferro quente etc .)

Consideremos , tôdas estas atividades , de grande importância para o bom desenvolvimento de seu filho . A criança aprende pela experiência e só dando oportunidades a ela para que experimente , é que lhe estaremos proporcionando uma educação integral e correta ; porém , a estreita colaboração entre pais e mestres será o ponto primordial para o sucesso da educação e integração de uma criança deficiente da audição .

MARIA HELENA MARINHO DE NORONHA.

Coordenadora do Setor de Deficientes da Audição .



A Audição
interferindo
na
aprendizagem

GUANABARA. Secretaria de Educação e Cultura. Departamento
de Educação Primária. Seção de Ensino Especial. Se-
tor de Deficientes da Audição. // Audição interfe-
rindo na aprendizagem. // Rio de Janeiro,
1967. // 3f. // mimeogr. (Publicação 5/67)

et

me

I. NORDNHA, Maria Helena Marinho de

~~CASADO / MARRIED~~

~~25.380~~

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA FUNDAMENTAL

SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO E CONTROLE DO ENSINO PRIMÁRIO OFICIAL

SEÇÃO DE ENSINO ESPECIAL

SETOR DE DEFICIENTES DA AUDIÇÃO

Publicação 5/67

Trabalho da : Prof. MARIA HELENA MARINHO DE NORONHA

Coordenadora do Setor de Deficientes da
Audição

A AUDIÇÃO INTERFERINDO NA APRENDIZAGEM

Se verificarmos até que ponto a perda da audição pode interferir na aprendizagem, diremos que ela se faz sentir, mais profundamente, na aprendizagem da linguagem.

Uma criança ouvinte é capaz de reconhecer qualquer estímulo sensorial, no que se refere a audição. Ela passa, a partir do nascimento, por diferentes etapas de resposta ao som.

- 1ª etapa - Do nascimento aos 3 meses - resposta reflexa a qualquer som forte. Tentativas de localização da fonte sonora.
- 2ª etapa - Dos 3 aos 12 meses - resposta menos elementar. Aquisição da habilidade de localizar a fonte sonora. Preferência por sons brandos.
- 3ª etapa - De 1 a 3 anos - aumento da capacidade de compreensão da fala e de discriminação de outros sons.
- 4ª etapa - A partir dos 3 anos - Fala e ouve com desembaraço. Está capacitada para conversar com outras crianças e pessoas adultas.

Quando há desvios, dessa normalidade, temos os casos de deficiências auditivas, que podem ir: das pequenas perdas (hipoacusias) às grandes perdas (surdez total ou surdez profunda). O processo que era fisiológico, passa a fisiopatológico.

A linguagem é um dos maiores fenômenos da psicologia humana. A rigor, não é um fenômeno e sim, uma estrutura de fenômenos. Não é inata, automática ou instintiva; é o resultado de longa e paciente elaboração.

A criança nasce com uma disposição filogenética, porém sem nada saber de linguagem.

Nela podemos distinguir quatro elementos:

1. Formação das imagens sonoras
2. Articulação das palavras
3. Formação das imagens visuais
4. Capacidade motora.

1. Formação das imagens sonoras - o indivíduo ouve os outros falarem e vão se formando, em seu cérebro, as imagens sonoras, que representam aquelas palavras, como se fôsem uma música.
2. Articulação das palavras - o indivíduo transforma as imagens sonoras, que foram registradas em seu cérebro, em realidades sonoras, produzindo aquêles sons que primeiro apenas ouvira. Tal produção de sons se faz através do aparelho fonador.

O ato da fala é intelectual e motor. É um mecanismo que parte para os órgãos periféricos, por ordem do cérebro.

3. Formação das imagens visuais - quando o indivíduo lê, está adquirindo imagens visuais das palavras escritas. Todo o indivíduo tem capacidade para formar imagens visuais das coisas que estão a sua frente, porém quando se tratam de palavras e não de desenhos ou objetos é necessário que já tenha passado pelo aprendizado da leitura.

Em geral, a maturidade para a aprendizagem da leitura só surge entre 6 e 7 anos, que é quando a capacidade para formar as imagens visuais das palavras está plenamente desenvolvida.

4. Capacidade motora - capacidade para produzir, com a mão, movimentos, reproduzindo, em traços convencionais, as palavras que vê ou escuta. Isto constitui a escrita, cuja maturidade surge ao mesmo tempo que a aprendizagem da leitura.

Após conhecermos os elementos da linguagem, podemos avaliar as desvantagens de uma criança, com perda auditiva, na aprendizagem.

Para as crianças surdas, pròpriamente ditas, são necessários processos especiais. de ensino, assim como professores especializados para os aplicar.

Há, porém, crianças com perdas menores (hipoacúsicas) e que muitas vêzes, chegam aos oito anos e até 10 sem que tenham sido percebidas tais perdas. Estas açarretam, no entanto, sérios prejuízos para a aprendizagem.

Em geral, pais e professores percebem a hipoacusia, pelos defeitos de articulação das palavras que ela acarreta. A hipoacusia é ainda causa de atraso escolar. Pode-se fazer a despistagem por meio de testes audiométricos simples, aplicados coletivamente, na própria classe ou em triagens, previamente organizadas. Serão assim surpreendidas, a tempo, essas pequenas deficiências.

Não necessitam de atendimento especializado. Basta que se dê, à professora de classe comum, uma orientação especial, para que ela possa atender bem a esses alunos.

Outras crianças, com perdas um pouco maiores, conseguem adquirir linguagem defeituosa : falam mal, porque ouvem mal.

Possuem mentalidade auditiva parcial, que as aproxima das crianças ouvintes e as afasta das surdas. Daí, ainda mais uma vez, chegarem à idade escolar, apenas rotuladas como distraídas ou teimosas.

A linguagem falada ou expressão oral nada mais é do que a imitação dos sons ouvidos. Ora, se os sons da linguagem não foram ouvidos, não poderá haver imitação dos mesmos. Fatalmente, estarão prejudicados: a organização, o desenvolvimento e a expressão do pensamento.

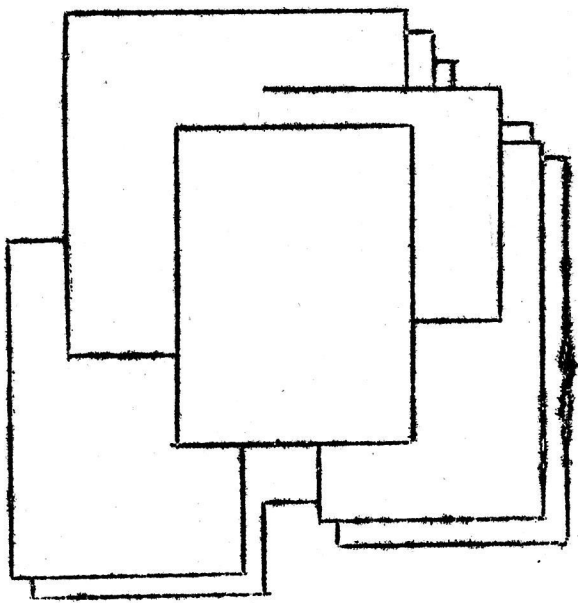
A criança com perda de audição, não distingue as vogais orais das nasais; por exemplo: as palavras lombo, bomba e canta são percebidas como : lobo, boba e cata

Confunde também as homorgânicas:

- em mapa vê baba ou papa
- em dado vê tato ou nato
- em povo vê môfo
- em papai vê mamãe

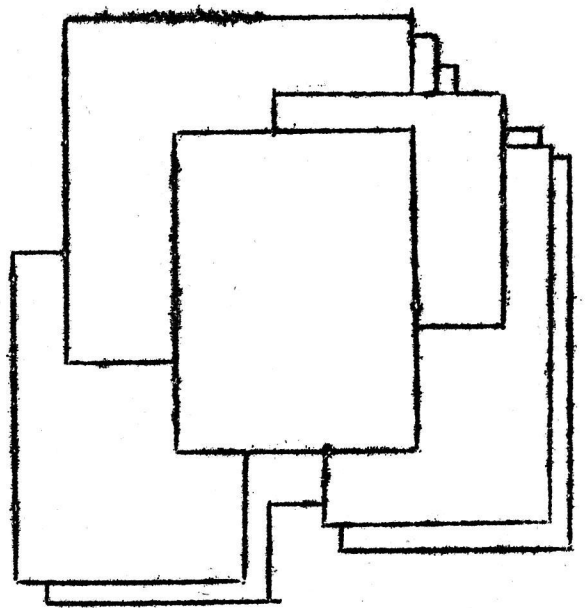
São estas as causas dos erros constantes no ditado, das ordens mal percebidas e dos fracassos escolares.

Todo o problema de aprendizagem da criança deficiente da audição se resume em linguagem; não há dificuldade para a aprendizagem das outras matérias, se fôr entendida a linguagem das mosmas.



Matemática

nas
Classes de
Deficientes
da Audição



DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA FUNDAMENTAL

SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO E CONTRÔLE DO ENSINO PRIMÁRIO OFICIAL

SEÇÃO DE ENSINO ESPECIAL

SETOR DE DEFICIENTES DA AUDIÇÃO

PUBLICAÇÃO 6/67

A MATEMÁTICA NAS CLASSES DE DEFICIENTES DA AUDIÇÃO

Precisamos tornar atraente o ensino da matemática em nossas classes , iniciando-o sempre concretamente , oferecendo oportunidades a que a criança veja , manipule e sinta os objetos . Depois / de muitas experiências desse tipo , ela procurará a solução das situações apresentadas em material ainda concreto , mas substitutivo (pauzinhos , sementes , chapinhas) ; mais tarde , utilizará material semiconcreto (desenhos) , para chegar à fase que apresenta , principalmente , para o aluno excepcional , grandes dificuldades - a abstração .

Nosso objetivo é proporcionar , à criança surda conhecimentos matemáticos práticos , úteis à sua vida diária , ao seu trabalho , concorrendo , dessa forma , para que se torne um ser feliz , ajustado ao meio em que vive .

NUMERAÇÃO

Inicialmente , devemos verificar as experiências da criança , aproveitando-as ao máximo ; através de várias atividades serão elas enriquecidas , desenvolvendo , assim , sua maturidade para aquisição de conhecimentos aritméticos (período preparatório) . A seguir , levaremos a criança ao conhecimento sistematizado dos conceitos numéricos .

O ensino deve ter base objetiva , surgindo sempre de situações significativas , procurando alcançar a compreensão .

1 - PERÍODO PREPARATÓRIO

Neste período , faremos a criança sentir os conceitos básicos que o número encerra :

- 1.1 - Noção de conjunto
- 1.2 - Noção de relação
- 1.3 - Noção de espaço

1.1 - NOÇÃO DE CONJUNTO

O número representa uma coleção de objetos .

Atividades :

- . Colecionar em classe : sementes , palitos , tampinhas , rólhas , conchas , pedrinhas , bolas de gude , botões ,

GUANABARA. Secretaria de Educação e Cultura. Departamen-
to de Educação Primária. Seção de Ensino Especial. Setor
de Deficientes da Audição. // Matemática nas
classes de deficientes da audição. // Rio de Ja-
neiro, 1967. // Paginação irregular // mimeogr.
(Publicação 6/67)

eh

nie

chapinhas , pauzinhos , colheres de sorvete ...

Através desses exercícios , a criança será preparada para futuramente , atingir à noção de que "o número 4 , por exemplo , representa um grupo de 4 objetos" .

1.2 - NOÇÃO DE RELAÇÃO

O número ocupa um lugar numa série .

Atividades :

- . Arrumar as crianças na forma , destacando que cada uma ocupa um determinado lugar : Maria ocupa o lugar entre Flávia e Joana , porque ela é menor que Joana e maior que Flávia .
- . Arrumar objetos em ordem , do menor para o maior .

Estes exercícios levarão a criança , mais tarde , à compreensão de que "o número 4 , por exemplo , situa-se entre o 3 e o 5" .

1.3 - NOÇÃO DE ESPAÇO

Muito importante para a compreensão das proporções que os números guardam entre si .

Atividades :

- . desenho , pintura , modelagem ;
- . blocos de construções ;
- . cubos de encaixe ;
- . jogos de armar ;
- . jogos de encaixe .

A criança deverá compreender a proporção que as coisas guardam entre si : um cubo só pode ser colocado dentro de um outro maior ; um desenho deve guardar uma certa proporção com a folha de papel utilizada .

Adquiridas essas noções , a criança chegará à compreensão de que "no número 3 , por exemplo , cabem o 2 e o 1 , mas nunca o 4" .

2. - SISTEMATIZAÇÃO DOS CONCEITOS NUMÉRICOS

Representa uma aprendizagem básica na Aritmética , com as seguintes etapas :

- 2.1 - Contagem de rotina ;
- 2.2 - Contagem racional ou enumeração

- 2.3 - Identificação ;
- 2.4 - Comparação ;
- 2.5 - Complementação de conjuntos ;
- 2.6 - Agrupamento .

2.1 - CONTAGEM DE ROTINA

Repetição do nome dos números , na ordem exata , sem a finalidade de responder à pergunta : "Quantos?" .

Nesta contagem , que se faz mecanicamente , a criança se acostuma com o nome dos números , na ordem em que aparecem .

Verificamos que a criança surda , devido à falta de linguagem , não traz essa experiência de seu lar .

Atividades :

- . Contar enquanto sobem ou descem a escada ;
- . Contar batendo palmas .

2.2 - CONTAGEM RACIONAL OU ENUMERAÇÃO

A criança conta , objetivamente , os componentes de um grupo , para responder à pergunta : "Quantos ?" . É o que chamamos contagem um a um ; constitui o primeiro passo para o ensino das quatro operações .

Quando a criança realiza esse primitivo processo de contagem , temos ocasião de verificar vários níveis de capacidade . A criança surda sente necessidade de manipular os objetos , segurando cada um , enquanto diz o número correspondente . O nível seguinte é o da criança que apenas toca os objetos , sem precisar movê-los . À medida que se desenvolve , vai tornando mais simples o processo : aponta os objetos , indicá-os com um movimento da cabeça ou somente com um movimento dos olhos .

Na contagem racional , a criança tem que dar atenção a cada objeto dentro do conjunto como um todo , verificando que :

- cada número vale 1 mais do que o anterior ;
- o nome do último número indica a quantidade de objetos do grupo .

Atividades :

- Contar as crianças que irão morendar ;
- Contar os livros que tiraram da biblioteca ;
- Contar as janelas , portas , mesas e cadeiras da sala ;...
- Contar bolas , tampinhas , contas , carretéis , conchas...
- Contar figurinhas enquanto as coloca no flanelógrafo ;
- Contar desenhos .

2.3 - IDENTIFICAÇÃO

Habilidade em identificar conjuntos , de relance , isto é , sem a contagem um a um . Para isso , é necessário que a criança já tenha tido inúmeras oportunidades de fazer a contagem racional . no início , trabalhamos com conjuntos pequenos de 2 , 3 , 4 objetos .

Atividades :

• Jogos :

"Olhe e diga"

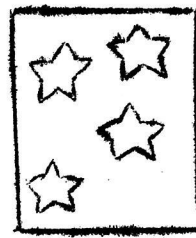
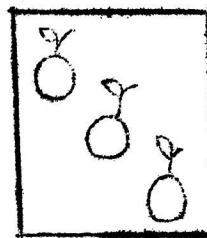
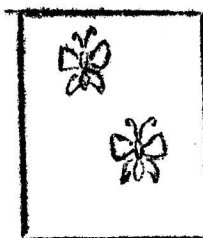
Material : 5 blocos (ou outros objetos) da mesma cor , tamanho e forma ; um pedaço de cartolina .

O professor dispõe os blocos , escondendo-os com o pedaço de cartolina . Apresenta-os , rapidamente , dizendo : "Olhe e diga quantos são" . Esconde os blocos novamente , para não dar tempo de contá-los um a um . Também pode ser realizado com figurinhas no flanelógrafo .

"Cartões - Relâmpago"

Material : cartões com objetos desenhados em grupos , arrumados de diferentes maneiras e mostrados , rapidamente , para identificação .

Exemplo :



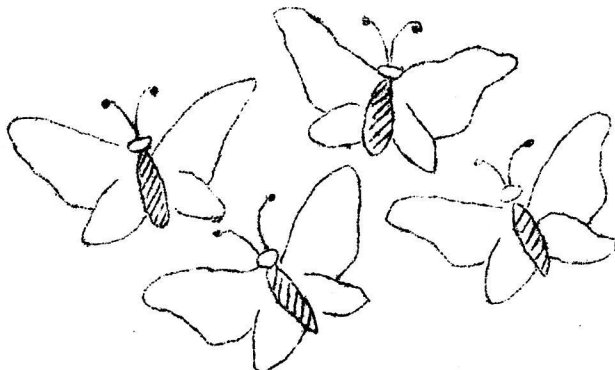
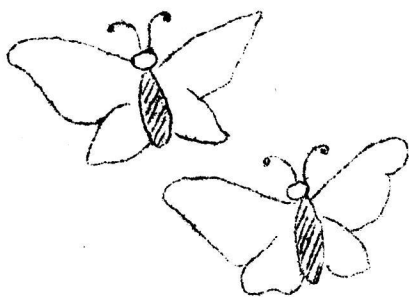
2.4 - COMPARAÇÃO

A criança é orientada no sentido de responder a perguntas do tipo : "Onde há mais ?" - "Onde há menos ?"... Para isso , em vez de

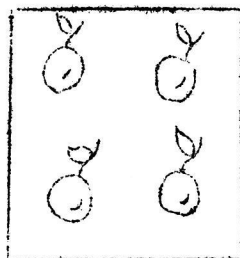
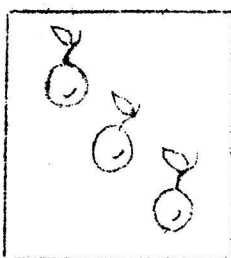
apenas identificar um conjunto , será necessário estudar um conjunto em relação ao outro , para estabelecer uma comparação entre elas . Seu vocabulário irá se tornando mais preciso , com diversas experiências , onde terá oportunidade de usar termos próprios à comparação : ... mais , menos , menor , maior , igual , quantos mais , quantos menos...

Atividades :

- Comparar conjuntos de crianças , em suas diversas atividades , verificando qual o conjunto maior , qual o menor.
- Utilizar o flanelógrafo :
 - Em que conjunto há mais borboletas ?



- Utilizar os "Cartões - Relâmpago" -- os mesmos usados na identificação , mas com a finalidade de comparar conjuntos . Exemplo :
 - Olhe êstes dois cartões :



- Onde há mais laranjas ?
- Onde há menos ?
- Quantas a mais ?
- Quantas a menos ?

2.5 - COMPLETAÇÃO DE CONJUNTOS

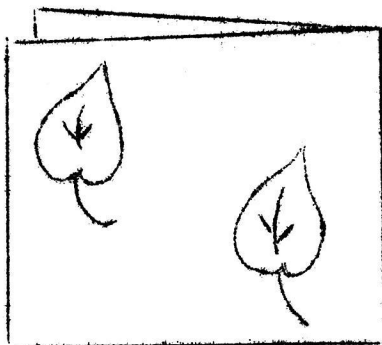
A criança é levada a verificar que quantidade é necessária a um conjunto para fazê-lo maior ou igual a outro . Devemos ter o cuidado de dosar bem as dificuldades usando diferenças pequenas . 1, 2 ou 3 .

Atividades :

- Contar o número de crianças que estão fazendo pintura a

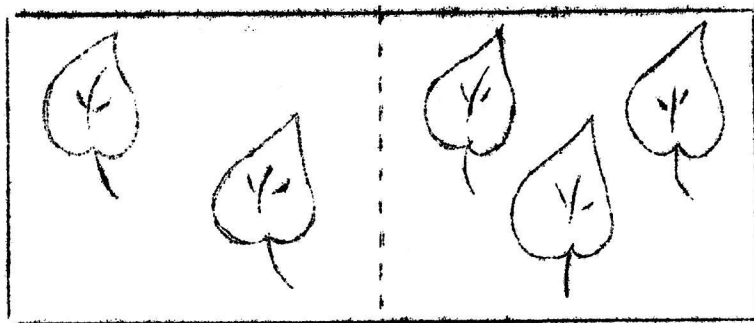
- a dedos e verificar quantas seriam necessárias para formar um determinado conjunto ;
- Colocar , no flanelógrafo , 3 bonecas e pedir que uma criança junte as bonecas que faltam para completar um grupo de 5 ;
- Dizer quantos objetos faltam , no "Cartão-Relâmpago" , para completar uma quantidade pedida ;
- Desenhar , no quadro-negro , pequenos conjuntos e pedir à criança que desenhe os que faltam para completar uma determinada quantidade .
- Organizar cartões com figuras :

- Tenho 2 fôlhas :



- De quantas fôlhas preciso para ter 5 ?

A própria criança verifica a exatidão de sua resposta , abrindo o cartão .



2.6 - AGRUPAMENTO

Diante de uma determinada quantidade , a criança identifica de relance , o número de objetos num conjunto , o número de objetos no segundo , combinando os dois conjuntos para achar o total . Agrupa , assim , de várias formas , o 3 , o 4 e o 5 , aumentando a quantidade de acôrdo com suas possibilidades . Essa etapa é muito importante , / pois além de completar o conceito de número , prepara para o conceito de adição .

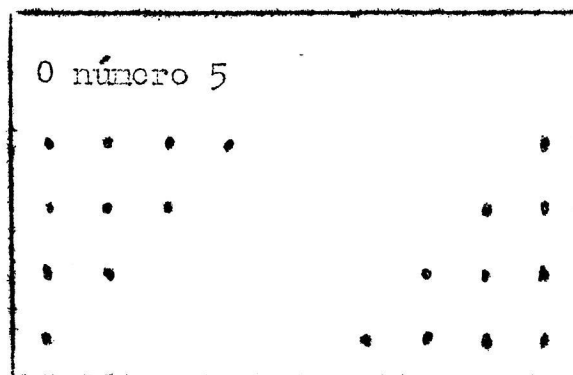
A criança só poderá chegar a essa fase depois de ter sido bem sucedida nas anteriores . A inabilidade em agrupar é um sintoma de

imaturidade . O aluno que não consegue contar por agrupamento , necessitando ainda de contar os objetos 1 a 1 , em situações concretas , encontrará grandes dificuldades em situações abstratas .

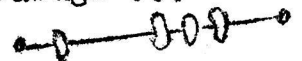
Atividades :

- Chamar , por exemplo , 6 crianças e pedir que formem 3 agrupamentos . Depois , pedir que se organizem em mancinhas diferentes .
- Agrupar , nas carteiras , tampinhas , carretéis , paus de picolé , verificando os diversos agrupamentos que cada número pode apresentar .
- Organizar , finalmente , com as crianças , um cartaz com os resultados dessas experiências .

Exemplo :



- Separar , em grupos , nos mostradores de fatos , tampinhas , bolas , chapinhas , pedaços de sabugo ...



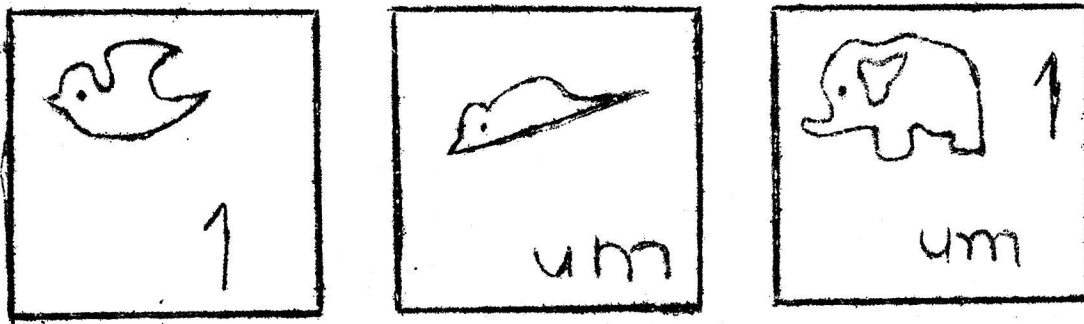
3 - COMPREENSÃO E RECONHECIMENTO DOS NÚMEROS ATÁ 9

Depois que a criança conhece o nome do número e o identifica com sua representação objetiva , chamaremos atenção , para as diversas ocasiões , da nossa vida diária , nas quais fazemos uso dos números : chapa de carro , telefone , número das casas , relógios , calendários ... Levaremos a criança a compreender que cada quantidade é representada por um determinado símbolo numérico .

Atividades :

- Colocar o número que representa a quantidade de livros da biblioteca .
- Procurar números escritos na sala .
- Enfiar chapinhas num cordão e colocar o símbolo ao lado .
- Separar , na carteira , pauzinhos de sorvete e colocar o símbolo ao lado
- Colocar , no flanelógrafo , o número de pintinhos correspondente ao que uma criança organizou .

Exemplo :



. Organizar cartões para colocar junto aos conjuntos .

Exemplo :

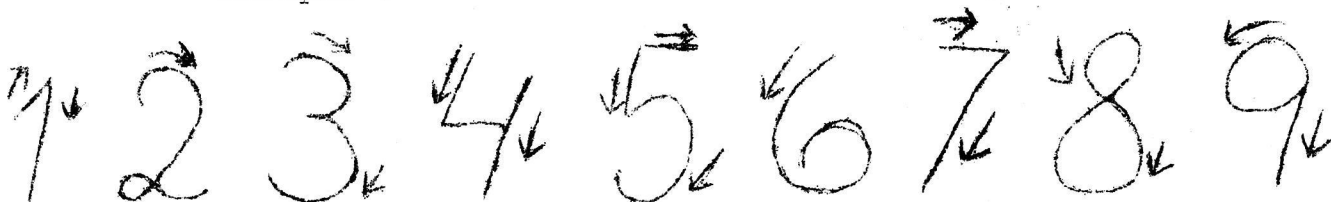


4 - ESCRITA DOS NÚMEROS ATÉ 9

Somente depois que a criança identifica os símbolos numéricos com as quantidades que representam , passaremos ao ensino da apresentação gráfica dos números , paulatinamente , auxiliando-a a ver o traçado , a seguir a direção exata , pois , às vezes , a criança ainda apresenta falhas na coordenação visual-motora , est crevendo os / números invertidos .

É aconselhável o uso de cartazes para mostrar onde começar a escrever cada símbolo .

Exemplo :



4.1 - FASES A SEGUIR NA ESCRITA DOS NÚMEROS

- . Escrita do número , no quadro-negro , pelo professor ;
- . Repetição do movimento , no ar , pelo professor ;
- . Repetição do movimento , no ar , pela criança ;
- . Escrita do número , pela criança , no quadro-negro ;
- . Repetição do movimento , na carteira , com o dedo ;
- . Escrita do número , pela criança , no papel .

O professor deve trabalhar algarismo por algarismo , seguindo as fases enumeradas acima , tendo o cuidado de não passar à fase /

seguinte nos casos de inversão .

4.2 - EXERCÍCIOS PARA A CRIANÇA QUE APRESENTA DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA DOS NÚMEROS

- . Traçar o símbolo , com o dedo , em tampa de caixa com areia .
- . Passar o dedo em algarismos recortados em madeira , espuma ou cordão .
- . Passar o dedo , colocar massa ou pintar , com lápis cêra grosso , números vazados em madeira ou cartão .
- . Cobrir , com lápis cêra grosso , algarismos desenhados de leve ou feitos com pontinhos bem próximos .
- . Apagar , com o dedo , algarismos escritos no quadro-negro .

OPERAÇÕES


1. - ADICÃO

Antes de apresentarmos a adição com o sinal +, devemos levar a criança a entender em que situações a adição é usada. Daí a importância do processo da contagem, que lhe fornece experiências para sentir que dois conjuntos colocados formam um conjunto maior que qualquer um dos dois.

ATIVIDADES :

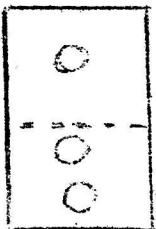
- Contar os livros que estão na prateleira. Colocar mais dois.
 - Verificar quantos livros há ao todo.
 - Separar, na carteira, um conjunto de 4 botões e outro de 2.
 - Juntar os dois conjuntos. Quantos botões são?
 - - Quatro botões mais dois são seis botões.
 - Contar pequenas histórias, colocando os elementos no flanelógrafo, à medida que aparecem.
- Exemplo : Três gatinhos saíram de casa para passear. Encontraram-se, no caminho, com mais dois amiguinhos. Quantos gatinhos estão agora passeando?
- Utilizar cartões :

- Você vê ...



1

- E agora ...



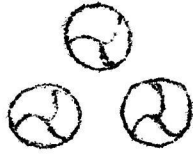
1 mais 2
ou
3 ao todo

1.1 - REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA

Levamos a criança a ilustrar pequenos problemas de adição, no quadro de giz, flanelógrafo ou no próprio caderno, colocando, ao lado do desenho, o símbolo referente à quantidade, seguido do nome do objeto.

O registro deve ser iniciado pela forma vertical, porque esta corresponde ao plano fisiológico da criança e ainda, segundo comprovação psicológica, é a que oferece apreensão mais rápida.

Exemplo :



3 bolas

mais

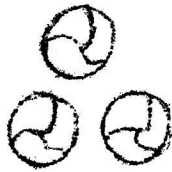


1 bola

são

4 bolas

A medida que a criança abstrair , vamos retirando as palavras :



3

mais



1

são

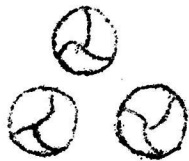
4

E , finalmente , retirando os desenhos , chegamos à forma simbó -
lica :

$$\begin{array}{r} 3 \\ + 1 \\ \hline 4 \end{array}$$

Depois de bem compreendidos os fatos acima estudados , empregamos a
forma horizontal , utilizando os recursos já mencionados .

Exemplo :



3 bolas

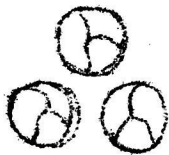
mais



1 bola

são

4 bolas



3

mais



1

são

4

$$3 + 1 = 4$$

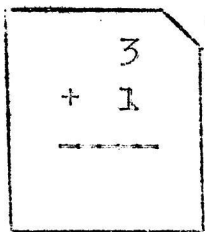
EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

À medida que a criança trabalha com os fatos fundamentais em muitas e variadas situações, observaremos aqueles ainda não automatizados e que oferecem maior dificuldade para a memorização.

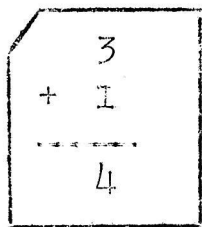
Organizaremos uma série de atividades para essa fixação, evitando exercícios rígidos que só levarão ao desinteresse.

ATIVIDADES :

- Olhar o fato, fechar os olhos, repetir de olhos fechados, tentar escrever certo.
- Utilizar "Cartões - Relâmpago"



frente

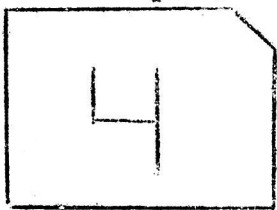


verso

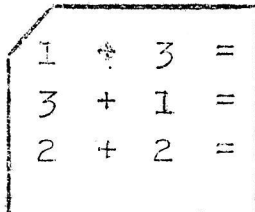
A criança poderá trabalhar sozinha com esses cartões.

Um dos lados é cortado, a fim de facilitar a arrumação dos fatos.

Outro tipo :



frente



verso

A criança deve escrever, no caderno, todos os fatos fundamentais cujos resultados correspondem ao número escrito na frente do cartão.

- Recorrer a jogos.

Exemplo :

- Quebra - cabeça : a criança arma a gravura, guiando-se pelo número que tem escrito no verso, o qual corresponde à soma indicada no cartão grande.
- Pescaria : com uma vara, o aluno procura pescar peixinhos de cartolina, colocados numa caixa de areia, devendo dar o resultado do fato fundamental nele escrito.
- Boliche : a criança soma os valores dos boliches numerados / que conseguiu derrubar.
- Jôgo dos saquinhos : a criança atira saquinhos de areia numerados num círculo riscado no chão, somando os pontos obtidos.

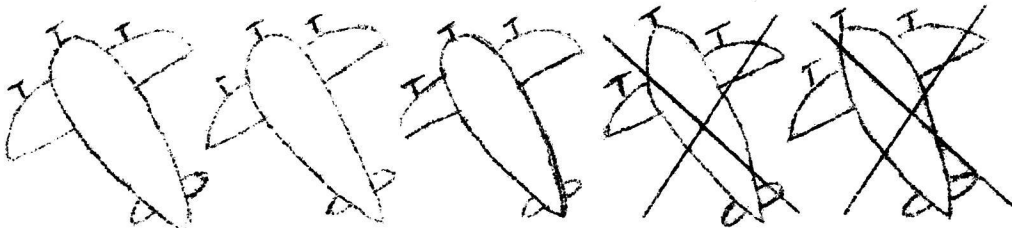
2. - SUBTRAÇÃO

Desde que o processo da adição seja compreendido como atividade de juntar conjuntos de quantidades, embora a criança ainda não tenha conhecido todos os fatos fundamentais, podemos iniciá-la na subtração, que só terá sentido se for o resultado de uma situação real, a qual dará / significado ao símbolo, nesse caso o sinal menos (-).

Os fatos fundamentais da subtração devem ser introduzidos acompanhando a mesma orientação dada à adição; apresentam, porém, maior dificuldade, pois a adição encerra apenas uma idéia: juntar as quantidades para formar um grupo maior, enquanto que a subtração encerra / 3 idéias:

- a. subtrativa - Quantos sobraram ?

Exemplo: Paulo tinha 5 aviões, mas perdeu 2.
Quantos aviões ele ficou ?



- b. aditiva - Quantos faltam ?

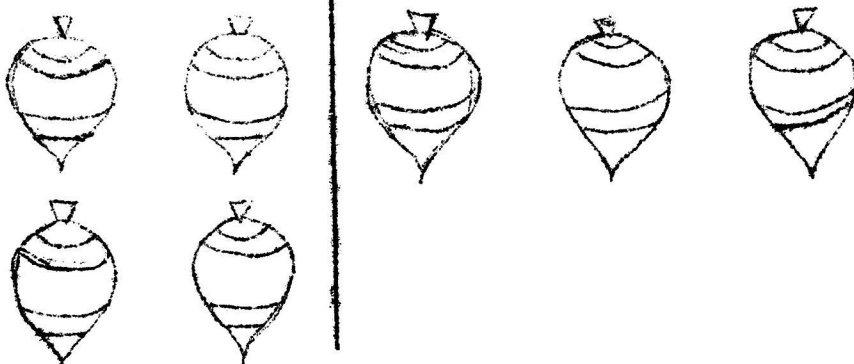
Exemplo: Marcos tem 2 pipas. Ele quer 5.
De quantas pipas ele ainda precisa ?



- c. comparativa - Quantos a mais ou quantos a menos ?

Exemplo: Ricardo tem 5 piões e Felipe tem 2.

Quantos piões Ricardo tem a mais que Felipe ?



A criança , informalmente , vai tendo conhecimento dessas idéias através de suas experiências , usando , com **maior** freqüência , situações de resto e de falta .

Devemos iniciar pela idéia subtrativa , por ser ela a mais fácil e encerrar melhor a idéia de subtração , permitindo que a criança veja , sinta e compreenda a subtração , tendo oportunidade de **visualizar** o conjunto total , o conjunto que é retirado e o resto .

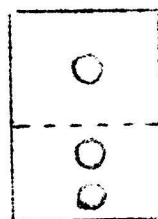
Depois de bem fixada a primeira idéia , passamos a trabalhar com a segunda e , mais tarde , com a terceira .

a. IDEIA SUBTRATIVA

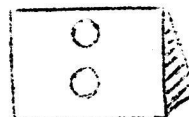
ATIVIDADES :

- Aproveitar tôdas as ocasiões para que o aluno compreenda que , na subtração , êle separa um conjunto maior em dois menores , e retira um deles - movimento inverso ao da adição . Chamar atenção para o todo , depois para o conjunto que é retirado e , finalmente , para o que fica .
 - Quantos livros estão na mesa ? - Três .
 - Coloque mais dois livros . Quantos há agora ? - Cinco .
 - Temos cinco livros em cima da mesa , mas vou colocar dois na estante . Quantos ainda ficaram ?
- Colocar , no flanelógrafo , os elementos de uma história , à medida que aparecem :
 - Três patinhos estão brincando no quintal . Chega mais um . Quantos são ao todo ? - Quatro .
 - Mamãe Pata chamou dois filhinhos para saírem com ela . Quantos patinhos ficaram no quintal ?
- Usar os mesmos cartões da adição

- Quantas bolas você está vendo ?

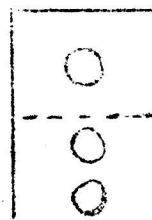


- E se eu retirar uma , quantas ficam ?

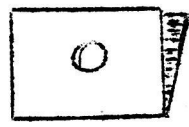


Perguntar novamente :

- Quantas bolas você está vendo ?



- E se eu retirar 2 . Quantos ficam ?

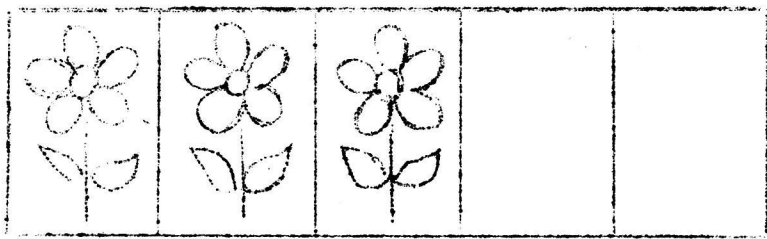


b. IDEIA ADITIVA

ATIVIDADES :

. Usar cartazes , desenhos mostrando lugares vazios que deverão ser preenchidos para a complementação de um conjunto , auxiliando à compreensão .

Exemplo : Quero colocar , numa jarra , 5 flôres , mas só tenho 3 .
De quantas flôres eu ainda preciso ?



c. IDEIA COMPARATIVA

Em geral , a criança se confunde com a expressão "Quantos há a mais" , devido à associação que faz com suas experiências anteriores de adição , realizando soma diante de casos de subtração . É necessário , portanto , dispensar um certo cuidado ao introduzir êsse nôvo conceito de subtração .

Inicialmente , usamos exercícios de comparação de 2 conjuntos .

- Exemplo : - Quantas crianças estão no quadro-negro ?
 - E desenhando ?
 - Êsses conjuntos são iguais ?
 - Onde há mais crianças ?

NO FLANELÓGRAFO :

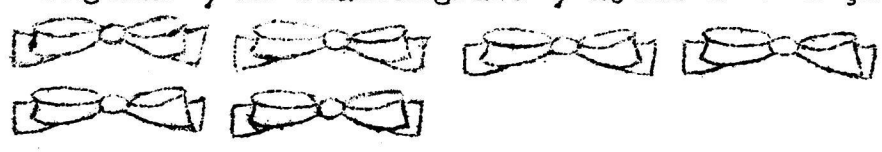
- Quantos porquinhos há na primeira fila ?
- E na segunda ?
- Onde há mais ?

Sá mais tarde faremos com que a criança compare os dois conjuntos para verificar em que quantidade um conjunto é maior que o outro .

Exemplo : Lúcia desenhou 4 lacinhos e Fernanda 2 .

Quantos lacinhos Lúcia desenhou a mais que Fernanda ?

A disposição das figuras , no flanelógrafo , ajuda a criança a encontrar a resposta .



2.1 - REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA

A criança não deverá encontrar tanta dificuldade , pois já está acostumada com a forma da adição . Deverá utilizar desenhos e os cartões mencionados anteriormente .

Exemplo :



- Quantas bolinhas há ao todo ?
- Seis .

- Vamos retirar duas bolinhas .



- Quantas bolinhas sobraram ?
- Quatro .

- Quem é capaz de fazer , no quadro-negro , uma operação que nos diz que tínhamos 6 bolinhas , retiramos 2 e ainda sobraram 4 ?

Isto é uma operação nova . Vamos aprendê-la hoje . Repararem bem o sinal !

$$\begin{array}{r}
 6 \text{ bolinhas} \\
 \text{menos} \\
 - 2 \text{ bolinhas} \\
 \hline
 4 \text{ bolinhas}
 \end{array}$$

Seguindo a mesma orientação , chegaremos , mais tarde , à forma horizontal :

$$6 - 2 = 4$$

Devemos utilizar vários exercícios para que a criança se acostume a empregar símbolos numéricos .

Exemplo : No flanelógrafo , colocar 4 peixinhos .

- Mário , retire dois .

Ainda ficaram peixinhos no flanelógrafo ?

Quantos ?

Mostre , com uma operação , o que você acabou de fazer .

Quem sabe escrever esta operação de outra forma ?

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

Haverá necessidade de variar os exercícios para a fixação dos fatos fundamentais , principalmente daqueles que trazem maior dificuldade para a criança .

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA
ENSINO ESPECIAL

DEFICIENTES DA AUDIÇÃO

Noção de psicologia da linguagem. Linguagem e pensamento. Processos e fases do desenvolvimento da fala na criança ouvinte e na criança surda.

Professor Felipe Carneiro

- 1 - Desenvolvimento da linguagem na criança.
 - a) Desenvolvimento dos sinais da linguagem
 - b) Desenvolvimento das significações verbais.
- 2 - Teorias da aquisição da linguagem
 - 1 - Narrativa: a linguagem é adquirida apenas pela faculdade inventiva da criança, por sua imaginação.
 - 2 - Empirista: a linguagem é adquirida apenas pela imaginação.
 - 3 - Realista: a linguagem é adquirida, ao mesmo tempo, pela faculdade da linguagem e pela imitação.

FASES DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NA CRIANÇA

- a) grito e balbucio (sons indecifráveis - desejos)
 - 1) No balbucio não há coordenação entre o sinal e sua significação. Não constitui, pois linguagem, mas pródomo da linguagem.
 - 2) A audição parece ter pouca influência, pois os surdos-mudos balbuciam.
- b) Curto período de mudez
- c) Linguagem propriamente dita
 - 1) Ecolalia (a criança emite o som, mas não o compreende). A criança percebe mais depressa o ritmo da linguagem do que as palavras (canto).
 - 2) Início da compreensão - A criança entende 1º os gestos, depois é que passa a associar palavras a idéias. Palavra-frase.
 - 3) Imitação da linguagem dos adultos - Fonemas que apresentam dificuldade: qu, gu, r, ss, j, l.

Os caracteres gerais dêsse desenvolvimento são:

- 1) A linguagem evolui do emocional para o conceptual
(lei de Meumann)
- 2) Juízos concretos antes de juízos abstratos. (3)
O individual antes do geral (De egocêntrica para socializada) O subjetivo antes de objetivo. (1)
- 3) Entre os 4 e 5 anos, a criança já está apta a fazer uso de uma linguagem, no sentido comum da palavra.

FASES DO DESENVOLVIMENTO, SEGUNDO PIÉRON:

- 1) Até 2 a 3 anos: compreensão verbal elementar (idiotismo)
- 2) Até 6 a 7 anos: início do simbolismo do conceito (imbecilidade)
- 3) Até 11 anos: início do pensamento abstrato (debilidade mental)

_____ X _____

- 4) A princípio tôdas as palavras são invariáveis.
No fim do 3º ano, flexões verbais e de grau.
Nas formas verbais: 1) Imperativo e infinitivo; 2) presente do indicativo.
Preposições são empregadas antes de advérbios e conjunções.
Os números surgem mais tarde.
Coordenação antes de subordinação.
No 3º ano: uso de se, como e quando.
O emprêgo dos advérbios de tempo bem como das flexões temporais do verbo apresentam dificuldade à criança.

_____ X _____

CONSIDERAÇÕES GERAIS:

Melhor conhecimento da criança a partir do século XIX. Trabalho precursor de Fiedemann em 1787. Fixação do conceito de que a criança possui realidade psicológica peculiar. A criança deixa de ser considerada "um adulto em miniatura" para apresentar-se como ser de reações psíquicas próprias. O desenvolvimento dos estudos da natureza e caracteres de tais reações trouxe, em consequência, a criação da Psicologia Infantil e os postulados de uma nova ciência, a Pedologia. Direitos universais da criança.

Em educação, a criança torna-se o fim e a medida da metodologia. Revolução coperniciana do ensino, que passa a girar em torno da criança, amoldando-se às tendências e possibilidades. A criança torna-se soberana; a escola, o seu reino encantado. Berthold Sigmund, Preyer, Clara e Guilha-

me Stern, Jean Piaget.

ENSINO INSTRUTIVO: Pestalossi Froebel e Montessori.

Piaget fixa o fundamento da globalização: O que parece, em primeiro lugar, na evolução das percepções infantis, não é a sensação, nem mesmo a percepção isolada da ação; é a atividade total, isto é, a inteligência sensorio-motora ou prática, a própria inteligência que, desde os primeiros meses da existência, organiza as percepções em vista de ação".

Os grandes métodos da Escola Nova são:

- a) o de Montessori, cujos princípios fundamentais são: vitalidade, individualidade, liberdade e atividade;
- b) o de Decroly, cujos "passos" são:
 - 1) observação; 2) associação; 3) expressão;
- c) o de projetos, divulgado por Dewey e Kilpatrick e que coloca o educando em situação de participante de uma realização concreta, com todos os reflexos e condições de uma atividade criadora.

X

CONSIDERAÇÕES ESPECIAIS SOBRE A CRIANÇA SURDA.

Destituída da audição, a criança surda fica impossibilitada de assimilar e desenvolver a linguagem falada por meios naturais. Sua deficiência sensorial não implica, todavia, em deficiência mental. Possui ela a faculdade de elaborar pensamentos e de criar, para expressá-los, uma linguagem mímica espontânea, muitas vezes bastante sugestiva. Também os órgãos centrais e periféricos da fonação encontram-se ilesos no surdo. Se ele não reproduz as palavras que pronunciamos é simplesmente porque lhe falta o modelo e o estímulo fornecidos pelo ouvido.

Possuindo, pois vida interior, inteligência que concebe as idéias e aparelho fonador capaz de reproduzir todos os fonemas, é necessário submeter o surdo a um processo artificial de assimilação da linguagem falada, substituindo a audição pela visão e pelo tato.

Por uma necessidade vital de adaptação, o surdo desenvolve extraordinária acuidade visual e tátil, compensando, com essa hipertrofia sensorial, a ausência da audição. Valendo-se de tais condições peculiares, o educador desenvolve no surdo a consciência, compreensão e uso da linguagem falada, substituindo laboriosamente sua linguagem gestual espontânea pela linguagem socializada.

Como vemos, o surdo reproduz, de certa forma, o ciclo evolutivo da origem da linguagem humana, que, de acordo com a teoria evolucionista, é o produto da lenta e progressiva elaboração da linguagem gestual.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

ENSINO ESPECIAL

DEFICIENTES DA AUDIÇÃO

PONTO: NATUREZA DA LINGUAGEM

Súmula organizada pelo
Professor Felipe Carneiro

Sinal - é todo fenômeno perceptível que produz a idéia de outro fenômeno. A um sinal associa-se sempre uma idéia, de natureza diferente.

Espécies de sinal - O sinal pode ser natural ou convencional. A fumaça é sinal natural do fogo. O lírio é sinal convencional da pureza.

Linguagem - sistema de sinais empregados para exprimir o pensamento. Nas suas necessidades de vida em sociedade, o homem buscou uma forma de exteriorizar e comunicar seus pensamentos por meio de sinais. Assim, uma idéia produz, em quem a concebe, um sinal de expressão (linguagem expressiva). Esse sinal é captado pelos sentidos do interlocutor e despertada, na mente deste, a idéia que êle representa (linguagem compreensiva).

Espécies de linguagem - A linguagem pode ser natural ou convencional.

A linguagem natural é produto de uma reação psicológica espontânea, por meios naturais (mímica, dança, etc.). Suas características são:

1) tem sentido universal; 2) é sintética; 3) é de significação vaga e equívoca (função subjetiva); 4) exprime o elemento passional do pensamento.

A linguagem convencional resulta de prévio conhecimento dos que a usam. Os sinais produzem reações condicionadas, que se processam por meios artificiais. A linguagem verbal humana é convencional.

As características da linguagem convencional são: 1) não tem sentido universal; 2) é analítica; 3) é clara e precisa (função objetiva); 4) exprime o elemento conceptual do pensamento.

CLASSIFICAÇÃO DA LINGUAGEM QUANTO À FORMA DE PERCEPÇÃO

- 1) Linguagem visual
- 2) " auditiva
- 3) " táctil
- 4) " olfativa

A escrita é um exemplo de linguagem visual; a palavra falada, de linguagem auditiva; o alfabeto dos cegos e a linguagem compreensiva de Helen Keller constituem os mais significativos exemplos da linguagem táctil;

e a identificação de um prato apetitoso, pelo seu aroma, exemplifica a linguagem olfativa, desde que o sinal seja produzido com tal intenção.

CLASSIFICAÇÃO DA LINGUAGEM VISUAL

I - Gestual:

- 1) natural (mímica espontânea dos surdos)
- 2) convencional:
 - a) alfabética (dactilografia, sinais telegraficos).
 - b) ideogramática (mímica convencional dos surdos, danças interpretativas estandarizadas).

II - Gráfica:

- 1) natural (desenho espontâneo)
- 2) convencional:
 - a) escrita (a mais importante)
 - b) de outros tipos (gráficos estatísticos, sinais de tráfego).

CLASSIFICAÇÃO QUANTO À NATUREZA DO SINAL

- 1) Linguagem humana
- 2) " animal

(Natureza da linguagem - continuação)

Na linguagem inferior dos animais, o sinal encontra-se aderente à coisa, a sua manifestação depende da presença da coisa que êle exprime.

Na linguagem humana o sinal tem valor simbólico. A linguagem humana, precioso instrumento de comunicação e integração social, torna-se, assim, a base do raciocínio abstrato e lógico, privilégio único, que os antropologistas fixam como característica diferencial do homem no reino animal.

Considerada como fato, a linguagem humana apresenta uma função social (comunicação) e uma função psicológica (expressão, criação individual).

CLASSIFICAÇÃO DAS LINGUAGENS TÍPICAS DO SURDO

As linguagens características do surdo são do tipo visual e compreendem:

- 1) Linguagem gestual natural - É a mímica espontânea criada pelo surdo, para satisfazer às suas necessidades de comunicação.

2) Linguagem gestual convencional - Neste grupo encontramos três tipos de linguagem:

- a) alfabética - é o alfabeto manual do surdo (dactilologia), que é um sistema de sinais representativos dos fonemas;
- b) ideogramática - é a mímica na qual cada sinal representa diretamente uma idéia e não um fonema;
- c) leitura e compreensão da fala - é a interpretação das palavras através da percepção visual dos movimentos articulatorios.

PONTO: FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Súmula organizada pelo
Professor Felipe Carneiro

O ensino da linguagem tem por fim possibilitar ao surdo sua socialização gradativa nas várias áreas de vivência, e o conseqüente desenvolvimento de sua personalidade. Tal objetivo será atingido através da assimilação progressiva dos valores culturais, técnicos e morais de nossa civilização, os quais permitirão plena integração do surdo na comunidade com aproveitamento máximo de suas potencialidades. A linguagem verbal é o veículo normal de tal processo de adaptação. Suas funções devem, pois, ser amplamente conhecidas do professor, que delas se valerá permanentemente na orientação educacional do surdo.

As funções da linguagem dividem-se em dois grupos:

1) Funções gerais ou sociais:

- a) função significativa ou objetiva (comunicação), cuja expressão mais lídima encontra-se num teorema geométrico;
- b) função sugestiva ou subjetiva (criação de pensamentos), da qual é exemplo típico a poesia simbolista.

2) Funções especiais ou individuais:

- a) atividade psicológica individual:
 - 1) função concretizadora dos estados d'alma (solilóquio);
 - 2) atividade criadora (prazer glóssico, comparável ao de desenhar).
- b) instrumento de organização e desenvolvimento do pensamento.

Na didática especial do surdo, a função objetiva da linguagem constitui preocupação predominante, de vez que as funções especiais dependem de adequado desenvolvimento da capacidade de comunicação.